

**A literatura e a formação do leitor: algumas considerações/
*The literature and the reader's education: some considerations***

*Francisco das Chagas Souza Costa**

RESUMO

Estabelecer o contato do indivíduo com a língua escrita é, sem dúvida, condição *sine qua non* para que se possa constituir o leitor. A formação do leitor crítico foi o cerne da dissertação de mestrado em Letras (PROFLETRAS). O trabalho que teve como título: *Monteiro Lobato e o leitor infantojuvenil: consensos, polêmicas e sugestões*, apresenta teorias e propostas no tocante à construção de um leitor proficiente. Nesse sentido, o presente artigo é parte de um conjunto de ideias que defendem a tese de que a literatura é imprescindível, desde a mais tenra idade, nesse processo no qual o ser humano lida com a palavra escrita. Ultrapassando o aspecto lúdico, o texto literário pode oferecer uma riqueza linguística e cultural imensurável. Desse modo, este trabalho traz uma breve reflexão acerca das nuances presentes no texto literário e a sua função, mais pragmática, quando se cogita construir um leitor com amplo discernimento e maior maturidade. O ônus dessa empreitada não deve se restringir ao contexto escolar, mas a conjuntura socioeconômica, na qual se está inserido, faz com que a sala de aula seja determinante no êxito da formação de indivíduos que possam ter a autonomia intelectual outorgada pela leitura.

PALAVRAS-CHAVE: Leitor; Leitura; Literatura Infantojuvenil.

ABSTRACT

Establish contact of the individual with the written language is undoubtedly a sine qua non condition so that it can be the player. The formation of the critical reader was the master's thesis of heart in letters (PROFLETRAS). The work was titled: Lobato and infantojuvenil reader: consensus, polemics and suggestions, presents theories and proposals regarding the construction of a proficient reader. In this sense, this article is part of a set of ideas that support the thesis that literature is essential, from an early age, in the process in which the human being deals with the written word. Surpassing the playful aspect, the literary text can provide a linguistic and cultural wealth immeasurable. Thus, this work presents a brief reflection on the present nuances in the literary text and its function, more pragmatic when it is considering building a player with extensive insight and greater maturity. The burden of this undertaking should not be restricted to the school context, but the socioeconomic context in which it is inserted, makes the classroom is crucial for the success of the training of individuals who may have intellectual autonomy granted by reading.

KEYWORDS: Reader; Reading; Literature and infantojuvenil.

1 Considerações iniciais

O processo educacional que tem contribuído para a formação de profissionais e cidadãos perpassa inevitavelmente pelo espaço escolar que se configura como estrutura autorizada, socialmente, para promover o ensino e a aprendizagem de bens culturais de forma a cooperar com o melhor convívio e harmonia em um contexto de sociedade diversa e complexa. No roteiro dessas ideias, existe um pensamento que de tão consensual constitui-se quase como um clichê: o ato de ler é basilar para que o

* Doutorando em Letras pelo programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros (RN), Brasil. fchagas2009@gmail.com

indivíduo desenvolva competências intelectuais e torne-se, assim, um ser humano mais pleno no aspecto cognitivo, cultural e até psíquico.

Enquanto atividade eminentemente salutar à construção de uma sociedade mais consciente e capaz de refletir acerca da realidade, a leitura não é obviamente a panaceia, mas constitui um fator essencial em um mundo que exige, cada vez mais, pessoas letradas, isto é, em condições cabais de trato adequado com a palavra escrita. Nessa lógica, considera-se importante discutir sobre as condições que possibilitam a formação de leitores em sociedades como a brasileira que foi constituída de modo a excluir grande parte de sua população de bens materiais e culturais.

Com isso, surgem pesquisas e avaliações reconhecidas internacionalmente sobre o nível de letramento os quais revelam dados que põem o Brasil em uma posição constrangedora. Isso significa que existem lacunas no ensino de leitura na nação brasileira que necessitam serem sanadas para que a educação como um todo consiga avançar. Soluções mágicas não emergirão tão facilmente senão já teriam resolvido essa situação que é debatida há décadas. No entanto, entende-se que atitudes pedagógicas podem ser implantadas no sentido de desenvolver o hábito de leitura e por consequência a elevação do nível de compreensão e análise que os alunos precisam ter dos textos.

Diante dessa realidade, o instrumento básico de trabalho pedagógico é genericamente denominado de texto. A propósito, é ratificado que todo processo de interação humana que faculta a troca de conhecimentos é possibilitado pela matéria imanente chamada texto. É do confronto do leitor com o texto que surgem significados e assim se faz uma leitura crítica, reflexiva e compreensiva que extrapola a mera decifração do signo linguístico.

Nessa conjuntura de necessidade de expansão do ato de ler com qualidade, tem-se na literatura um recurso que pode contribuir consideravelmente na formação de leitores na medida em que não serve apenas como instrumento de distração, mas é capaz de apresentar elementos culturais como também uma visão crítica da realidade social que são necessárias para que o leitor aprimore sua visão de mundo.

A abordagem do texto literário como material didático acabou ganhando relevância pela compreensão de que as produções literárias, com reconhecido valor linguístico, poderiam contribuir para a apropriação e prática da linguagem de maneira mais qualificada por parte dos discentes. O ambiente escolar acolheu a literatura como

uma arte que trabalha a linguagem de modo peculiar e com potencialidades para desenvolver a criatividade e maturidade linguística dos indivíduos.

Pautado no pensamento de que não se pode prescindir do emprego incessante do texto literário em sala de aula como condição de constituição de leitores críticos, procura-se discutir a presença da literatura na escola e as implicações nos hábitos de leitura. Em outras palavras, poderiam ser feitas indagações a exemplo de: Até que ponto a prática pedagógica com o texto literário dinamiza a formação de leitores? De que modo o texto literário tem sido abordado na escola? Que alternativas e métodos poderiam ser pensados para melhorar a prática de leitura por intermédio do texto literário? Tais questionamentos remetem a necessidade de haver melhorias no ensino da língua materna. A leitura, nesse sentido, pode ser tomada como uma faceta que é decisiva para o sucesso não só do ensino do Português (no caso do Brasil), mas do processo educativo. Diante da relevância do assunto discutido, o conjunto dessas ideias é articulado a partir de tópicos que coadunados pretendem apresentar teorias e proposições capazes de oferecer uma contribuição prática em relação a aspectos da leitura do texto literário na escola e formação de uma sociedade de leitores.

2 O texto literário e o não-literário: aspectos da leitura

Não constitui nenhuma novidade a ideia de que tudo que se produz por intermédio da linguagem está ligado ou pode ser sintetizado por algo genericamente denominado de texto. O texto é, portanto, o instrumento que simboliza a materialização da linguagem através do qual o ser humano se comunica e interage. Nesse sentido, quando se fala em leitura, escrita, oralidade, isto é, qualquer ato ou fenômeno referente à linguagem toca-se, inevitavelmente, na noção de texto como elemento inerente em toda manifestação linguística proposta pelos indivíduos. Nessas condições de abrangência, muitos estudos e teorias surgiram acerca da matéria linguística genérica que representa, de grosso modo, a possibilidade que os seres humanos têm de interagir, ou seja, o conceito de texto reside basicamente nos sentidos e ideias que podem ser transmitidos por algo mais abstrato chamado de linguagem. Assim, se tudo em linguagem é texto, esse todo também é múltiplo, diverso e heterogêneo já que a sociedade se constitui dessa forma.

Com isso, os estudos relacionados à linguagem, vez por outra, se configuram com a apresentação de dicotomias que embora não signifique a existência de dois elementos totalmente contrários e estanques, revelam diferenças na maneira de uso ou prática da linguagem. Assim, já foram estabelecidas categorias dicotômicas como língua/fala, significante/significado e texto escrito/texto oral. Desse modo, o texto como manifestação elementar da linguagem pode ser objeto de muitos conceitos e teorias. A esse respeito não se pode negar que “o texto é o lugar, o centro comum que se faz no processo de interação entre falante e/ou ouvinte, autor e/ou leitor” (ORLANDI, 1996, p. 180).

Como parte dessas conceituações e relações dicotômicas que se atribuem a texto e linguagem, existem modos diferentes de fazer um uso da língua que estabelecem de certo modo também uma dicotomia: texto literário e não literário. As funções desempenhadas pelos sujeitos nessas duas categorias de texto apresentam focos diferentes. A literatura, como manifestação artística da palavra, apresenta maiores possibilidades de desvios de normas, atinge o auge da criatividade humana, não está comprometida necessariamente com a realidade imediata ao mesmo tempo em que está livre para romper com a relação linear entre significante e significado. Isso significa a linguagem figurada, conotativa e polissêmica que está bastante presente no texto literário. Nas palavras de Parreiras (2009, p.22), afirma-se que:

A literatura, como uma expressão artística, é a arte das palavras. Como uma manifestação de sentimentos, sensações, impressões e como a expressão lírica de um artista da palavra e do desenho, ela provoca deleite e traz um trabalho poético com as palavras, com as figuras de linguagem e com as imagens (...). Os elementos que caracterizam a literatura como arte e expressão do Belo podem ser encontrados, principalmente, nos textos poéticos, em prosa e em Poesia. Portanto, devemos reconhecer a literatura como um objeto simbólico, como possibilidade de subjetivação para a criança e o adulto, como um instrumento de criação de sentidos. Uma expressão que não comporta condições e regras, nem a priori (antes de ser criada e produzida), nem a posteriori (depois de publicada). (PARREIRAS, 2009, p.22).

O caráter de distinção presente no texto não literário está justamente no uso da linguagem numa perspectiva denotativa e sem a preocupação estética que é fundamental no âmbito da literatura. Diante de tais diferenças torna-se evidente que a relação do

sujeito leitor com a literatura não se realiza da mesma forma como ocorre com os textos de natureza não literária. Ou seja, se, por um lado, a linguagem de teor figurativo, próprio do texto literário, apresenta a possibilidade de múltiplos sentidos e requer uma maior sensibilidade do leitor além da observação de aspectos históricos, culturais e ideológicos que estão mais velados. Por outro lado, o texto baseado na denotação tem mais objetividade e significados menos sujeitos a polissemia. Orlandi (1996, p.200) apresenta um comentário que coaduna com o que foi dito ao afirmar o seguinte:

Além disso, a função de cada um dos níveis de sujeito, assim, como a maneira com que se dá a dinâmica de sua inter-relação, varia de acordo com os diferentes tipos de discurso: num conto de fadas deve ser diferente da observada em uma dissertação científica; em um discurso lúdico, deve ser diferente da observada em um discurso polêmico, etc. Isto deve corresponder a estratégias de leitura diferentes, que correspondem a diferentes modos de interação na literatura, correspondente aos diferentes tipos de discursos. (ORLANDI, 1996, p.200).

Essas diferenças de prática da leitura do texto literário e do não literário não pretendem estabelecer o grau de importância de um ou outro tipo de texto. Não se fala, nesse caso, em categoria de texto superior ao outro. Ambas as representações textuais têm seu contexto e funções sociais. No entanto, ao focar a literatura é preciso reconhecer que ela contribui, consideravelmente, para a vida humana na medida em que apresenta um diálogo com elementos socioculturais, históricos e ideológicos. É a arte da palavra capaz de conter uma visão crítica da realidade social ao mesmo tempo em que pode despertar sentimentos, emoções e revelar o íntimo da alma humana. Na esteira desse pensamento, não parece ser hiperbólico dizer que “[...] a contribuição da literatura na construção social do indivíduo e da coletividade não apenas é essencial, mas simplesmente inevitável [...]” (COLOMER, 2007, p.20).

Diante do entendimento do valor do texto literário para a conjuntura social, é preciso refletir sobre as implicações nas estratégias de leitura que essa categoria textual exige do leitor. Nesse caso, ler o texto literário implica revelar subentendidos em graus mais elevados do que aqueles apresentados na linguagem predominantemente denotativa. O leitor literário que busca elementos no texto, que não se limitem ao puro

prazer estético, tem a tarefa de estudo, análise e reflexão acerca de contextos, também, extratextuais.

Ao reconhecer a complexidade da leitura do texto literário, tem-se um argumento plausível que mostra um detalhe: ainda existe uma carência de leitura reflexiva da literatura por grande parte da população. Na verdade, sabe-se que essa realidade é histórica já que o Brasil se formou com bases elitistas cujos egoísmos e visões preconceituosas foram negando ao longo do tempo o acesso das classes menos favorecidas às condições de dignidade humana.

Assim, a literatura, como algo essencial a formação cultural de um povo, foi pouco difundida para a grande massa brasileira. Esse processo de exclusão tem evidentemente natureza ideológica e provoca efeitos na sociedade do Brasil que se configura ainda hoje com carências econômicas e culturais que põem o país na categoria de subdesenvolvimento. Fazer da leitura do texto literário um hábito de alcance mais universal, nesse contexto, significa supera, ainda, a alta taxa de analfabetismo funcional e assim promover uma verdadeira revolução social com a formação de uma sociedade com uma consciência política mais aprimorada.

Com as lacunas e problemas construídos historicamente no Brasil, o processo de leitura pautado no texto literário encontra indubitavelmente muitos desafios. Sendo assim, são necessárias mudanças de posturas que envolvem vários atores: governo, profissionais da educação, mídia e sociedade em geral. Se a empreitada para formar uma nação de leitores é imensa ao mesmo tempo em que é difícil lidar com a subjetividade da linguagem literária, maior certamente será o bônus ao se ter formado um país com indivíduos com mentes mais férteis e com compreensão mais crítica da realidade sociopolítica.

3 A literatura e a sala de aula: abordagens e funções

A produção literária ao longo da história da humanidade (em tempos mais remotos) não tinha como ambição primária ser instrumento de instrução ou prática pedagógica. No caso Brasileiro, é difícil imaginar que escritores como José de Alencar e Machado de Assis tivessem o plano de ter suas obras tão requisitadas para servir como material didático. A literatura, como arte, sempre foi feita para ser apreciada e

eternizada como elementos culturais, ideológicos e políticos com a possibilidade de revelar uma visão crítica da realidade ou fazer opção por um refúgio dos fatos. A segunda escolha pode ser denominada de alienação, termo que na verdade carrega em si uma alta carga ideológica, pois mostra a diferença entre aqueles que são omissos diante de dramas sociopolíticos e os que atuam mesmo que seja pela palavra escrita de modo artístico.

A chegada da literatura na escola amplia sobremaneira o alcance e a função social atribuída ao texto literário. Isso significa que os leitores literários não ficariam restritos ao estímulo familiar. O espaço escolar passou a ser elo fundamental entre o leitor e a literatura. É óbvio, que do ponto de vista histórico, isso ocorre muito lentamente em países subdesenvolvidos como o Brasil que tem um legado repleto de mazelas com a exclusão social e econômica de grande parcela da população. Diante dessa realidade, a ideia de abordar o texto literário em sala de aula para desenvolver a criatividade e as competências linguísticas dos discentes constitui-se uma atitude salutar na medida em que parte do pressuposto de que a literatura exige dos agentes envolvidos (autor/leitor) níveis consideráveis de aptidões no que concerne à linguagem.

Fala-se, desse modo, do papel social exercido pela literatura visto que a mesma não se configura como uma arte inócua. Acerca do texto literário pode-se postular alguma função social apesar de alguns intelectuais mais conservadores não aceitarem de bom grado essa ideia. Questões ideológicas a parte, ao se pensar no desenvolvimento de consciências críticas e na formação de cidadãos por intermédio da literatura fica difícil não reconhecer algum valor nessa visão mais pragmática acerca do fazer literário. Além dos aspectos sociais e políticos envolvidos na literatura é preciso reconhecer que os estudos da linguagem e as práticas de ensino cometeriam um grande equívoco se não outorgassem o espaço merecido aos textos literários. Na verdade, pode ser percebido ainda um engano quando se estabelece uma relação dicotômica entre literatura/língua no sentido de separar cabalmente os estudos da linguagem dos literários. Compreende-se que a literatura na sua amplitude de arte apresenta aspecto externo (elementos culturais, históricos e ideológicos) e interno que é a própria linguagem, material constituinte do texto. Nesse sentido, as palavras de Leite (1997, p.18-19) são cabíveis:

Nos últimos vinte anos, como o aprofundamento dos estudos de lingüística e de teoria literária, tem ficado cada vez mais claro que o

material com que trabalha a literatura é fundamentalmente a palavra e que, portanto, estudar literatura significa também estudar língua e vice-versa. Esses mesmos estudos têm-nos demonstrado que o uso literário da linguagem é um entre outros vários possíveis. Mesmo quando utilizada em sua função predominantemente referencial, na comunicação de todo dia, a linguagem percorre registros diferentes, dependendo das circunstâncias concretas dos falantes e ouvintes. E a norma culta, ensinada pela escola, representa apenas uma possibilidade entre outras do seu uso. Finalmente, a linguística nos alerta para a especificidade da linguagem oral e da linguagem escrita, cada qual com suas próprias normas – questões, aliás, com que a literatura sempre se debate quando tem de resolver a maneira mais verossímil de grafar a fala de seus personagens, em sintonia com a sua situação de classe, sua cultura, sua idade, etc. (LEITE, 1997, p.18-19).

O questionamento acerca da serventia da literatura embora pareça um excesso de pragmatismo e possa incomodar àqueles que não usariam termos como “utilidade” no tocante ao texto literário, é necessário reconhecer os efeitos e, portanto, a que se presta a arte literária no meio social. A sala de aula na conjuntura de uma sociedade que precisa ser mais letrada e leitora assídua torna-se o ambiente onde o indivíduo tem a oportunidade de contato com a literatura e tê-la como instrumento indispensável tanto na formação do leitor quanto do ser humano, cidadão apto a refletir acerca da linguagem e da realidade que o cerca. Antonio Candido foi um dos críticos literários e/ou teóricos da literatura que percebem a funções sociais e políticas presentes no âmbito literário. Sobre a função da literatura, o referido crítico contribui da seguinte forma:

A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório, mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: (1) ela é uma construção de objetos autônomos estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. Em geral pensamos que a literatura atua sobre nós devido ao terceiro aspecto, isto é, porque transmite uma espécie de conhecimento, que resulta em aprendizado, como se ela fosse um tipo de instrução. Mas não é assim. O efeito das produções literárias é devido à atuação simultânea dos três aspectos, embora costumemos pensar menos no primeiro, que corresponde à maneira pela qual a mensagem é construída; mas esta maneira é o aspecto, senão mais importante, com certeza crucial, porque é o que decide se uma comunicação é literária ou não. (CANDIDO, 2004, p.176-177).

Como se percebe, embora não se negue o caráter fantasioso, de leitura por prazer e até da possibilidade lúdica presente na literatura, é conveniente ressaltar o papel

prático que o texto literário pode apresentar na sociedade. Só pelo fato de ser meio de aprimoramento de domínio e uso da linguagem e de despertar mentes para uma não alienação, o serviço prestado pela literatura é de grande valor.

O reconhecimento dos méritos da literatura no tocante à sociedade e o seu uso benéfico no ambiente escolar, o que reflete no conjunto social, remete a outros questionamentos salutares: de que modo a literatura vem sendo utilizada pela escola ou quais metodologias de ensino literário têm sido predominantes nas salas de aula? No direcionamento dessas indagações pode-se pensar que a literatura tem sido ensinada sem muito apelo à reflexão e à criatividade. O fato é que o sistema escolar tem a tendência de encarar o ensino de literatura a partir de modelos, costumes e programas predeterminados. Diante disso, o professor e a escola atuam como simples reprodutores dos sistemas ideológicos vigentes e de padrões que são impostos pela sociedade, ou seja, não há o que se questionar ou inventar e assim ensina-se literatura como qualquer outra disciplina burocrática numa sequência imutável. O que não se atenta é o fato de que a literatura não pode ser vista como uma disciplina qualquer, pois ela é atemporal e trabalha de modo fantástico com a linguagem.

Nesse sentido, o equívoco parece residir em querer moldar o ensino da literatura a um fim social determinado como, por exemplo, o vestibular. Nesse caso, os programas de estudo de Literatura privilegiam geralmente as escolas literárias com suas respectivas características e autores. Além disso, predominam nesse ensino as obras mais antigas e consagradas em detrimento da literatura mais contemporânea. No entanto, já é possível perceber a possibilidade de uma abertura no sentido de ampliar a ótica no tocante ao sentido de literatura a partir da leitura/reflexão/crítica de obras literárias não necessariamente de séculos mais distantes. A empreitada parece ser dura, mas existe a esperança numa melhora no ensino de literatura. Sobre a maneira como a literatura tem sido empregada no contexto escolar, Pietri (2009, p. 79-80) endossa o que foi dito:

Além disso, o texto literário na escola teria a função de levar o aluno a conhecer exemplos das escolas literárias e das características da obra de determinado autor. Organizado como uma “viagem de turismo cultural”, esse ensino apresentaria a literatura com a imagem de uma progressão homogênea e contínua, e limitar-se-ia a preparar o aluno para ser um bom consumidor de bens culturais. A história é assim excluída da literatura, que é vista como o lugar de exercício de estilo, como o predomínio de visão idealista quanto ao valor do texto literário. Essa ordem promove a descontextualização do texto literário,

a exclusão de qualquer referência ao contexto econômico, político e social que compõe seu universo temático, o que, como discutido acima, leva a uma concepção inadequada de leitura, que prima pela facilitação e pela superficialidade. Essa relação com a produção literária impede a apropriação crítica de ideias e valores da cultura que permeiam os textos selecionados, esvaziados assim de ideologia e da crítica que os animava, o professor passa a ser visto como “um profissional de civilização de cultura”. (PIETRI, 2009, p. 79-80).

Na verdade, o que se pode dizer é que a presença do texto literário em sala de aula é uma grande possibilidade de desenvolver a imaginação, a sensibilidade, criatividade linguística e o senso crítico dos alunos, principalmente nos dias atuais em que os aparatos tecnológicos têm substituído o prazer de uma boa leitura de um conto, poema, romance, entre outros. Com essa conjuntura, vê-se a importância de selecionar textos literários que de alguma forma possa chamar a atenção do aluno para a realidade do mundo do qual ele faz parte, ou seja, escolher obras literárias que estimule, envolva e seja instrumento de amadurecimento e construção de pessoas críticas e conscientes diante de um mundo em crise.

Na lógica dessas ideias, o uso da literatura como recurso pedagógico deve estar voltado para o estudo do texto literário no tocante ao uso da linguagem e suas implicações sobre a realidade do mundo. Todavia, na prática escolar do ensino fundamental e até do ensino médio (onde estão faixas pré-adolescentes e adolescentes), é possível perceber uma distorção na forma como se ensina literatura. Ocorre, portanto, o esquecimento de um fator principal: o texto literário que deve ser lido, compreendido, refletido e apreciado prazerosamente pelo discente.

Assim, o ensino de literatura necessita estar pautado em um constante ato de leitura e reflexão, o que pode parecer chato para uma geração que almeja algo mais “divertido”. No entanto, sem o exercício da leitura num processo que envolva prazer e conhecimento, a literatura em sala de aula perde o sentido e se torna apenas um pretexto para reproduzir uma historiografia descontextualizada e carente de reflexão crítica. A mudança nesse tratamento do texto literário no espaço escolar depende de todos os agentes envolvidos no processo (gestores, supervisores, professores e alunos), mas no final das contas, o docente é a peça chave que pode estabelecer propostas e estratégias no sentido de formar leitores literários. Tal responsabilidade é inevitável, pois se faz uso da literatura a partir da leitura, reflexão e discussão. Ao seguir esse caminho, os

professores associados com a boa vontade dos alunos poderão oferecer benefícios consideráveis para uma sociedade que será mais leitora, consciente e quiçá benévola.

4 A formação do leitor e a literatura

O pensamento de que o ato de ler enquanto atitude consciente e capaz de gerar reflexão e conhecimento subjaz a presença de um processo incessante de amadurecimento e evolução condicionado a quantidade e qualidade da leitura. O bom leitor não é construído por um acaso, é necessário o incentivo, a prática e o gosto pelos textos com os quais se terá contato. Nesse sentido, a escola não deve ser considerada a única responsável pela formação de leitores, embora existam carências nas estruturas familiares e conjunturas socioeconômicas que são verdadeiros empecilhos até no processo educacional básico em que não se considere níveis mais elevados de consciência crítica.

Em uma sociedade que se aproximaria até de uma visão utópica, ter-se-ia as condições de dignidade todas resolvidas dentre as quais a totalidade de sua população alfabetizada e em condições de ter certa autonomia de aprendizagem. Todavia, no contexto de atraso educacional em que se vive, a dificuldade de construir uma sociedade de leitores ganha proporções imensuráveis. O aparente pessimismo exacerbado com que se trata essa questão da leitura crítica na vida dos indivíduos brasileiros é na verdade o diagnóstico de uma realidade histórica. Se o Brasil tem ainda muitos analfabetos é porque seus governantes (democráticos ou não) nunca priorizaram enfaticamente a educação. Negar as razões políticas para explicar a situação social em que a educação está inserida e por consequência o ato de ler é aderir a uma visão alienada de mundo que pode ser salutar àqueles que estão em posição confortável e não almejam alteração na sociedade.

Diante das considerações de caráter sociopolítico acerca da leitura vista como um processo que deve envolver a todos, é preciso refletir sobre a prática pedagógica que se apropria do texto literário para constituir leitores os quais superam o nível da mera decodificação e atingem a condição de compreensão do texto e de mundo pela palavra escrita. Nessa lógica, ler é, antes de tudo, um ato de interação que possibilita uma série de vantagens. Sobre isso Antunes (2003, p.70) diz algo conveniente:

A atividade da leitura favorece, num primeiro plano a ampliação dos repertórios de informação do leitor. Na verdade, por ela, o leitor pode incorporar novas ideias, novos conceitos, novos dados, novas e diferentes informações acerca das coisas, das pessoas, dos acontecimentos, do mundo em geral. (ANTUNES, 2003, p.70).

Coadunado aos elementos cognitivos e culturais inerentes a leitura, o texto literário faculta ainda o prazer pelo contato com uma forma artística de trabalhar a palavra. Não resta dúvida, portanto, que a literatura é oportuna como ponte para “produzir” leitores. A questão crucial nisso tudo é quando iniciar esse processo e como desenvolver estratégias de leitura que surtam efeitos significativos. A lógica leva a deduzir que a formação do leitor deve ocorrer logo nos primeiros anos de vida do indivíduo. É a partir da infância que o ser humano, já alfabetizado, poderá desenvolver habilidades de leitura com o intermédio da literatura. Afinal de contas, nada mais apropriado para crianças do que a leitura numa perspectiva lúdica e imaginativa. Daí a importância da literatura infantil, pois ela é a verdadeira gênese na formação de leitores. Pode-se dizer que crianças que são estimuladas a leitura literária, desde cedo, têm maiores possibilidades de desenvolverem aptidões de leitura e produção escrita. Nesse caso, família e escola devem ser aliadas nesse processo no qual se constrói o ser humano no sentido cognitivo e ético. Na ausência da família por razões socioeconômicas, caberá à escola e principalmente ao docente a tarefa de inserir “os pequenos” no mundo da leitura. Em relação à imprescindibilidade da presença do texto literário na infância, Parreiras (2009, p.28-29) apresenta um comentário relevante:

O livro é um objeto cheio de curiosidades, de fantasias que habitam nosso imaginário de lembranças, de associações. Por isso, a importância dos livros na primeira infância, seja em casa, seja na escola, seja na biblioteca. Livros em estantes de tamanho acessível às crianças, livros em cestas, em caixas de papel. Livros oferecidos de forma natural, como os brinquedos. Livros, revistas, jornais e recortes. Junto com todos esses materiais, uma palavra, um conto, uma cantiga, uma história. É assim que se dá a iniciação das crianças no mundo da leitura! E tudo começa como o bebê, depois com a criança que vai à creche e com aquela que vai ao jardim de infância, ao pré-escolar, à educação infantil. (PARREIRAS, 2009, p.28-29).

É perceptível que a relação estabelecida entre o texto literário e a criança é de responsabilidade dos adultos que têm o dever de tornar acessível à leitura e incentivar o

ato de ler como condição indispensável para a boa formação do ser humano. Ao professor, nesse caso, cabe um papel preponderante que é o de selecionar obras literárias e conduzir uma leitura que deve ocorrer dentro e fora de sala de aula. Nesse trabalho com crianças e adolescentes em que se precisa despertar o interesse pelos textos e formar uma consciência de que a leitura é algo prazeroso e edificante, o docente precisa ser, antes de tudo, um exemplo de leitor no qual os alunos possam se espelhar.

Desse modo, a prática docente, em uma sociedade ainda caótica e repleta de desajustes, atua como possibilidade de redenção de várias gerações. São essas crianças de hoje que serão os adultos do futuro. Que país se fará sem educação de qualidade e sem leitores proficientes? A resposta não é logicamente muito agradável, mas diante de uma realidade educacional que necessita de melhoras prementes é oportuna a atuação quase heroica do docente que através da literatura pode despertar consciências e desenvolver competências linguísticas.

Com o texto literário em sala de aula o professor será um orientador de leitura e abrirá novos horizontes para que o discente leia com qualidade e aprimore suas potencialidades. Devido à escassez do tempo, essa formação do leitor não dependerá apenas do docente, pois cabe ao aluno a disposição para fazer da leitura uma prática constante que obviamente não se restringirá ao espaço escolar. Vê-se que a constituição de leitores, tendo a literatura como base, é tarefa por demais complexa que envolve vários fatores. O docente é basilar nesse processo, mas não tem todo ônus como se poderia postular. Por outro lado, a omissão de quem tem o dever de ensinar numa perspectiva crítica pode comprometer a construção de uma sociedade mais politizada. Independente das mazelas sociais, dos desmandos políticos, dos baixos salários e do desrespeito aos quais os professores se submetem diariamente é necessária a atuação docente no sentido de fazer do Brasil um país de leitores como “profetizou” há mais de um século o escritor Monteiro Lobato. Nessa empreitada em que se propõe formar leitores críticos à luz da literatura a autora Zilberman (2003, p.28) apresenta ideias oportunas:

Supondo esse processo um intercambio cognitivo entre texto e o leitor, verifica-se que está implicado aí o fenômeno da leitura enquanto tal. Esta não representa a absorção de uma certa mensagem, mas antes uma convivência particular como o mundo criado do imaginário. A obra literária não se reduz a determinado conteúdo reificado, mas depende da assimilação individual da realidade que

recria. Sem ser comprometida na sua totalidade, ela não é autenticamente lida, do que advêm algumas consequências: - o professor que se utiliza do livro em sala de aula não pode ser igualmente um redutor, transformando o sentido do texto num número limitado de observações tidas como corretas (procedimento que encontra seu limiar nas fichas de leitura, cujas respostas devem ser uniformizadas, a fim de que possam passar pelo crivo do certo e do errado); - ao professor cabe o desencadear das múltiplas visões que cada criação literária sugere, enfatizando as variadas interpretações pessoais, porque decorrem da compreensão que o leitor alcançou do objeto artístico, em razão de sua percepção singular do universo representado. (ZILBERMAN, 2003, p.28).

A prática docente no tocante ao ensino de leitura com o subsídio da literatura implica, portanto, a superação da superficialidade habitual como são tratados os textos em sala de aula. É de suma importância que o professor oriente o aluno para a percepção dos subentendidos dos textos e das relações extratextuais que podem ser estabelecidas. Isso significa que a constituição do leitor ocorre de modo gradual com base nos constantes contatos com os textos na busca dos sentidos de acordo com as revelações e implícitos concedidos pela linguagem.

Sendo assim, nas atividades pedagógicas deve-se pensar a literatura a partir de suas características que envolvem a reflexão e o processo autocrítico, isto é, reconhecer uma área de estudo que apresenta muitos valores e sentidos para a vida do ser humano. Com isso, se quer dizer que a literatura não é um passatempo inútil como alguns podem achar, mas é um espaço onde a linguagem e a alma humana se fundem.

A linguagem na literatura é uma estrutura usada de modo inovador, criativo e imaginativo. A maneira de falar sobre as coisas da nossa existência é feita com maior liberdade, pois na literatura não há satisfações a dar a ninguém. Nesse sentido, a linguagem “sem algemas” almeja refletir como um espelho a sensibilidade, as emoções, os anseios e até as indignações e revoltas humanas.

Com isso, a reflexão autocrítica na literatura revela uma marca natural dessa arte da linguagem, ou seja, é preciso primeiro olhar para dentro de si para depois olhar o exterior. O interior na literatura parece ser a própria linguagem, isto é, faz-se uma espécie de metalinguagem. O exterior é o mundo que ela (literatura) atinge com seus conceitos, ideias, valores e opiniões. É nessa análise de como a linguagem constrói sentidos e com que intenções subjacentes que a literatura se instaura no seu caráter autocrítico e reflexivo. Diante dessa amplitude, o fazer literário como contribuição na

vida do leitor tem relevância irrefutável a ponto de ser na escola uma opção bastante alvissareira. A respeito dessa relação entre literatura e escola, Pietri (2009, p.81) faz uma afirmação cabível:

Nesse sentido, a leitura de textos literários é diferenciada já pelo fato de que envolve modos de leitura específicos. Pensando na formação do leitor em contexto de ensino, esses modos de leitura precisam ser considerados na escola. O interesse da literatura se faz, então, duplamente: porque pode auxiliar no desenvolvimento de questões relativas a aspectos sociais e políticos, e o texto literário é um bom material para isso uma vez que sua produção pode revelar aspectos das condições em que a linguagem pode ser altamente elaborada. (PIETRI, 2009, p.81).

No sentido do ensino da leitura por meio do texto literário, o professor atua como agente facilitador da compreensão do que é lido, mas sem a atitude de simplificar demasiadamente o estudo literário. É salutar estabelecer desafios para que os alunos consigam atingir níveis de leitura mais avançados e aos poucos tenham maior capacidade de desvendar elementos ocultos no texto. Ler, nessa perspectiva, é uma tarefa individual e também coletiva, pois envolve o subjetivo do indivíduo e sua relação com o conjunto da sociedade. Nesse dever quase solitário imposto à escola e ao professor cabe, sobretudo, o trabalho de conscientização dos alunos quanto à imprescindibilidade da leitura para a formação plena do ser humano. É preciso compreender, portanto, que sem o domínio da palavra escrita, os indivíduos têm reduzidas imensamente suas potencialidades e por consequência suas chances de se tornarem verdadeiros cidadãos.

O êxito na educação e o desenvolvimento sociocultural de um país estão condicionados à maneira como as pessoas lidam com a língua materna no âmbito da escrita. Nesse contexto, a leitura é basilar para que os indivíduos dominem e façam bom uso do código linguístico. No entanto, o que se tem percebido é uma defasagem considerável tanto em relação ao aspecto quantitativo quanto qualitativo no que se refere à leitura em terras brasileiras. Diante disso, entende-se que numa sociedade com a existência de um analfabetismo vergonhoso que ainda atrapalha a formação de uma cultura pautada no ato de ler, é preciso ter na escola a possibilidade de oferecer às novas gerações as condições para fazer da leitura um instrumento de autonomia intelectual.

A literatura tem grande papel nesse processo de formação de leitores na medida em que o leitor deve ser constituído desde a mais tenra idade. Na infância e nos primeiros contatos da criança com as representações simbólicas, o adulto já pode incentivar o gosto pela palavra escrita. Aliado à tendência inata que os “pequenos” têm de conviver com o lúdico, a fantasia e a imaginação é que pode ser inserido o texto literário. Isso deve ocorrer logicamente sem as cobranças muitas vezes equivocadas das práticas pedagógicas. É preciso desenvolver, antes de tudo, o prazer pela leitura através da literatura. O ideal seria que a família fosse “cúmplice” nesse despertar da criatividade e consciência humana, mas na impossibilidade devido a questões socioeconômicas, a missão valorosa fica a cargo da escola e, sobretudo, do docente.

Com isso, a prática pedagógica no tocante ao ensino de língua materna necessita se apropriar do texto literário no sentido de ampliar o ato de ler numa perspectiva crítica. A relação entre ficção e realidade pode ser estabelecida como maneira de fazer da leitura algo mais pragmático com maiores implicações na vida social. A presença da literatura no espaço escolar apresenta, portanto, vasta contribuição que ultrapassa a noção de competência linguística. Embora, tendo a linguagem como cerne, o texto literário alcança outras instâncias do conhecimento humano.

Toda a riqueza a ser explorada na literatura perpassa primordialmente pela constituição de indivíduos capazes de ler o texto como ponte para compreender a realidade do mundo. Isso significa que a leitura é um instrumento inestimável que faculta a possibilidade de desenvolvimento cognitivo, psicológico, político e ético. Nessa linha de pensamento a educação escolar deve estar voltada para a facilitação do estabelecimento de um diálogo entre os sujeitos em formação com os textos nos quais se enquadram aqueles de caráter conotativo.

Diante disso, a abordagem do texto literário como elemento essencial na formação de leitores na escola deve ser mais dinamizada e assim terá mais proveito se levar em consideração preceitos que pautam a leitura não apenas pela superfície e/ou estrutura textual, mas também as ideias ocultas e as relações discursivas possíveis. Nesse sentido, não se pode prescindir de uma prática docente que faça do aluno um leitor crítico, apto a compreender e analisar as conjunturas presentes na sociedade que são expostas pela linguagem.

Considerações Finais

O êxito na educação e o desenvolvimento sociocultural de um país estão condicionados à maneira como as pessoas lidam com a língua materna no âmbito da escrita. Nesse contexto, a leitura é basilar para que os indivíduos dominem e façam bom uso do código linguístico. No entanto, o que se tem percebido é uma defasagem considerável tanto em relação ao aspecto quantitativo quanto qualitativo no que se refere à leitura em terras brasileiras. Diante disso, entender que uma sociedade com a existência de um analfabetismo vergonhoso que ainda atrapalha a formação de uma cultura pautada no ato de ler, é preciso ter na escola a possibilidade de oferecer às novas gerações as condições para fazer da leitura um instrumento de autonomia intelectual.

A literatura tem grande papel nesse processo de formação de leitores na medida em que o leitor deve ser constituído desde a mais tenra idade. Na infância e nos primeiros contatos de criança com as representações simbólicas, o adulto já pode incentivar o gosto pela palavra escrita. Aliado à tendência inata que os “pequenos” têm de conviver com o lúdico, a fantasia e a imaginação é que pode ser inserido o texto literário. Isso deve ocorrer logicamente sem as cobranças muitas vezes equivocadas das práticas pedagógicas. É preciso desenvolver, antes de tudo, o prazer pela leitura através da literatura. O ideal seria que a família fosse “cúmplice” nesse despertar da criatividade e consciência humana, mas na impossibilidade devido a questões socioeconômicas, a missão valorosa fica a cargo da escola e, sobretudo, do docente.

Com isso, a prática pedagógica no tocante ao ensino de língua materna necessita se apropriar do texto literário no sentido de ampliar o ato de ler numa perspectiva crítica. A relação entre ficção e realidade pode ser estabelecida como maneira de fazer da leitura algo mais pragmático com maiores implicações na vida social. A presença da literatura no espaço escolar apresenta, portanto, vasta contribuição que ultrapassa a noção de competência linguística. Embora, tendo a linguagem como cerne, o texto literário alcança outras instâncias do conhecimento humano.

Toda a riqueza a ser explorada na literatura perpassa, primordialmente, pela constituição de indivíduos capazes de ler o texto como ponte para compreender a realidade do mundo. Isso significa que a leitura é um instrumento inestimável que faculta a possibilidade de desenvolvimento cognitivo, psicológico, políticos e ético.

Nessa linha de pensamento, a educação escolar deve estar voltada para a facilitação do estabelecimento de um diálogo entre os sujeitos em formação com os textos nos quais se enquadram aqueles de caráter conotativo.

Diante disso, a utilização do texto literário como elemento essencial na formação de leitores na escola deve ser mais dinamizada e assim terá mais proveito, caso leve em consideração preceitos que pautam a leitura não apenas pela superfície e/ou estrutura textual, mas também as ideias ocultas e as relações discursivas possíveis. Nesse sentido, não se pode prescindir de uma prática docente que faça do aluno um leitor crítico, apto a compreender e analisar as conjunturas presentes na sociedade que são expostas pela linguagem.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro e interação. 7ªed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- CANDIDO, Antonio. Vários Escritos. 4ªed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: duas cidades, 2004.
- COLOMER, Teresa. Andar entre livros: A leitura literária na escola. 1ª ed; [tradução Laura Sandroni]. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, Rildo. Letramento Literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.
- GREGORIN FILHO, José Nicolau. Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Editora melhoramentos, 2009.
- LEITE, Lígia Chiappini de Moraes. Gramática e literatura: desencontros e esperanças. In: GERALDI, J. W. (org.). O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 1997.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1996.
- PARREIRAS, Ninfas. Confusão de línguas na literatura: o que o adulto escreve, a criança lê. 1ª ed. Belo Horizonte: RHJ, 2009.
- PIETRI, Émerson de. Práticas de leitura e elementos para a atuação docente. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.
- ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. 11ª ed. São Paulo: Global, 2003.

Recebimento: 17/02/2018

Aceite: 08/09/2018